



RELATO DE EXPERIÊNCIA

JORNALISMO, SUBJETIVIDADE E BISSEXUALIDADE: PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO JORNALÍSTICO SOBRE VIVÊNCIAS DE HOMENS NEGROS BISSEXUAIS

**José Ricardo Felix da Silva Júnior¹; juniorricardo284@gmail.com
Marcelo Rodrigo da Silva²; prof.marcelorodrigo@gmail.com (orientador)**

RESUMO

Este relato de experiência apresenta as etapas de produção e o resultado do documentário jornalístico “Transbordou um rio do meu peito”, que aborda a temática das vivências de homens negros bissexuais. O produto audiovisual tem duração de 38’51” (trinta de oito minutos e cinquenta e um segundos) e exibe problemáticas discutidas por 11 homens negros bissexuais da Paraíba e de outros estados brasileiros. O documentário extrapola a linguagem jornalística e explora diferentes recursos plásticos, poéticos, artísticos e estéticos como mecanismos de ampliação da experiência do público com a narrativa midiática. Com a realização do documentário foi possível aplicar os conhecimentos teóricos aprimorados no desenvolvimento da graduação, empregando-os de forma prática no planejamento, execução e finalização de um conteúdo jornalístico socialmente relevante e relacionados a uma questão de impacto social. Você também pode transbordar através deste link: https://youtu.be/s_BVLFZQvKY

PALAVRAS-CHAVE

Bissexualidade; Documentário Jornalístico; Negritude; Subjetividade; Ensino de Jornalismo;

1. INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência descreve o processo de produção do documentário jornalístico “Transbordou um rio do meu peito”, que aborda a temática das vivências de homens negros bissexuais, apresentado para a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, que faz parte da grade curricular obrigatória do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. Quando mencionamos a sigla LGBTQIAPN+ qual é a primeira imagem que surge em sua mente? Quais corpos são frequentemente representados nos meios de comunicação? Quais dessas letras

¹ Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

² Doutor em Comunicação e Estudos da Mídia pela UFRN. Professor do curso de graduação em Jornalismo da UFPB.



presentes na sigla ganham mais destaque nas produções midiáticas? E como os corpos negros estão sendo retratados dentro dessas narrativas? Estas são perguntas provocativas que nos fazem pensar sobre quais vozes, identidades e narrativas são colocadas em evidência na sociedade e quais continuam nas margens e na inviabilidade.

A motivação de produzir este projeto no trabalho de conclusão de curso nasce de um interesse próprio, de não se ver representado. Identifico-me enquanto um homem cis, negro e bissexual, e, por muitas vezes, fui questionado em relação à minha identidade bissexual. Dizem que não existimos, que somos “confusos” ou “indecisos”. Enfrentamos questionamentos variados baseados no que o imaginário social considera como legítimo em termos de performance e expressão sexual. Embora essas inquietações tenham partido de mim, ao longo do desenvolvimento deste trabalho, percebi que são questões compartilhadas por muitas pessoas que se identificam como eu.

Temas acerca da bissexualidade ainda são pouco discutidos no campo da comunicação e do jornalismo, especialmente em comparação com outras identidades sexuais que recebem mais destaques na mídia tradicional e em pesquisas no Brasil. Embora nos últimos anos tenha havido um aumento considerável na representação de pessoas bissexuais na mídia hegemônica, muitas dessas produções ainda perpetuam preconceitos, abordagens exotificantes e estereótipos, contribuindo para a desinformação e a marginalização dessa identidade.

A representação bissexual na mídia nos faz refletir sobre o apagamento bissexual. Kenji Yoshino, em sua pesquisa “The epistemic contract of bisexual erasure” (2000), identifica a existência de um contrato epistêmico de apagamento bissexual compactuado entre pessoas monossexuais³. Para o autor, heterossexuais e homossexuais utilizam as mesmas estratégias para inviabilizar a bissexualidade. Yoshino identifica esse apagamento através de três estratégias: apagamento de classe, apagamento individual e deslegitimação. Para o autor, o apagamento de classe é a negação completa da bissexualidade, enquanto o apagamento individual reconhece a

³ O termo monossexual significa alguém que se atrai por pessoas de apenas um gênero (EISNER, 2013).



categoria, mas exclui a identificação pessoal, considerando-a como uma “fase”. Já a de estimação reconhece a bissexualidade individual, mas associa estigmas negativos, como promiscuidade e “pontes de infecção” (Yoshino, 2000, p.20). Assim, a invisibilidade da bissexualidade também é transportada para a representação cultural e social dessa identidade. Dessa forma, a bissexualidade precisaria ser apagada para que a hétero e a homossexualidade não sejam alvos de desconfiança e questionamentos (Monaco, 2021, p. 48).

Shiri Eisner (2013) reforça que a ideia do apagamento bissexual está presente em todas as áreas de nossas vidas, do nível público e cultural, bem como do social, até o nível privado. “Significa que na maioria das vezes, a maior parte de nossa cultura opera sob a presunção de que a bissexualidade não existe — e não pode — existir” (Eisner, 2013, p. 67, tradução nossa). Esses processos foram responsáveis pelo apagamento da bissexualidade dentro e fora da comunidade LGBTQIAPN+ e reafirmam as relações de poder alimentadas por héteros e homossexuais.

Afinal, o que é bissexualidade? Para a Frente Bissexual Brasileira⁴, a bissexualidade pode ser entendida como uma identidade sexual e política, onde o gênero não é um fator determinante para a atração sexual ou afetiva e/ou para relações sexuais ou afetivas com mais de um gênero. Nessa perspectiva a bissexualidade, enquanto identidade, carrega suas particularidades e nuances subjetivas, bem como as outras identidades.

Fernando Seffner (2003), em sua pesquisa intitulada “Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual” aponta que a bissexualidade masculina no Brasil foi direcionada para a investigação sobre a disseminação da AIDS. O autor enfatiza que homens bissexuais enfrentam uma estigmatização ao serem culpabilizados pela disseminação do HIV.

Conseqüentemente, a bissexualidade masculina tornou-se um tabu social, sendo pouco debatida e explorada nos estudos e em representações midiáticas. Além disso, é frequentemente vista como uma “fase”, uma “confusão” e “promiscuidade”.

⁴ A Frente Bissexual Brasileira (FBB) é uma rede de coalizão nacional composta por coletivos e militância bissexual independente voltada para a articulação do movimento bissexual brasileiro atuante desde 2020. (FRRENTE BISSEXUAL BRASILEIRA, 2024).



Por essa razão, é incomum encontrar homens que se afirmem abertamente bissexuais, em função desses estigmas e das pressões das performances heteronormativas. Quando se trata de homens negros bissexuais, essas questões se dificultam, pois seus corpos são frequentemente submetidos a uma hipersexualização que os limita a performances sexuais e padrões ainda mais rígidos. Seus corpos são objetificados, são vistos como viris, másculos e incansáveis sexualmente.

Para o homem negro, ultrapassar a linha da heteronormatividade ainda é um grande ultraje para a sociedade. Quando essa linha é ultrapassada a aceitação só ocorre, ainda que minimamente, se do outro lado estiver a homossexualidade. O homem que se declara bissexual é sistematicamente inserido em um local de negação; sua identidade passa a ser contestada e apagada, pois só podem “existir” homens gays ou héteros. Conforme Butler (2003), transgredir as normas de um papel rígido de sexualidade é lidar com a possibilidade de pluralizar o alvo de desejo, que tem sido alvo de constantes discordâncias.

Neste contexto, neste trabalho apresenta a intersecção de raça e orientação sexual. Segundo o pensamento negro (Gonzalez, 1988; Bento, 2002), os corpos de pessoas pretas e pardas são hipersexualizados (Bezerra, 2022). Quando falamos de homens negros bissexuais, há uma dupla hipersexualização. Por serem negros, são vistos somente como um corpo pronto para satisfazer os desejos sexuais. São caracterizados como selvagens, viris e violentos e espera-se que seus órgãos genitais sejam grandes. Como bissexuais, são considerados como exóticos e promíscuos, sendo percebidos como indivíduos que estão sempre em busca de sexo. Seguindo esta lógica, David Daniel um dos entrevistados para realização deste trabalho reforça a sensação de negatividade de ser constantemente reduzido ao desejo sexual, sendo negada a possibilidade de viver o afeto e construir um relacionamento.

É ruim perceber que você está inserido, não por vontade própria. Eu amo ser um homem negro, eu amo ser um homem bissexual. Mas é ruim perceber que as pessoas te encaixaram nessas castas. A casta do “você deve ser dotado”, “você deve ter uma pegada massa”, muitas vezes essas perguntas, essas questões e essas afirmações que as pessoas têm, nunca vêm acompanhadas de “você deve ser um cara família”, “você é para namorar, é para casar”. Não!⁵ (Daniel, 2024).

⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 23 de julho de 2024, na cidade de João Pessoa, PB.



Custódio (2019, p. 144), argumenta que “a identidade do homem negro estaria conectada às práticas deste para exercer sua masculinidade e tais práticas — causa de sofrimento para si e para outros — deveriam ser enxergadas como sintoma de uma patologia maior: a masculinidade tóxica”. Para Bell Hooks (2022, p.34), quando a raça e o gênero se aproximam do patriarcado supremacista branco, os homens negros suportam as piores imposições da identidade patriarcal masculina de gênero.

Diante deste cenário, este trabalho se traduz como parte da minha militância e do objetivo particular de auxiliar na luta e na representação da bissexualidade e do antirracismo. Proponho, através do jornalismo interseccional e subjetivo, romper as barreiras da objetividade e invisibilidade. O documentário jornalístico “Transbordou um rio do meu peito” traz histórias de vida de 11 homens negros que amam, sonham e lutam por sua existência.

2. UM JORNALISMO QUE TRANSBORDA: FRONTEIRAS ENTRE DOCUMENTÁRIO E JORNALISMO

Nesta sessão, proponhamos explorar as fronteiras entre o documentário e o jornalismo, analisando suas características e conceitos, além de refletir as práticas de um jornalismo de subjetividade. A tentativa de experimentar os limites do jornalismo e da arte resultou no anseio de evidenciar vivências de homens negros bissexuais atravessando as lentes e telas do próprio jornalismo. Este foi o ponto de partida para a produção de “Transbordou um rio do meu peito”, um documentário jornalístico que transborda para além da objetividade e neutralidade, colocando em cena vozes silenciadas e marginalizadas, como propus no início deste relato.

A combinação de elementos visuais, sonoros e movimentos estão presentes nas narrativas jornalísticas, seja na televisão ou na internet. No campo jornalístico, o documentário conquistou espaço e se consolidou como um formato relevante. Essa hibridização de elementos narrativos permitiu que ambos compartilhassem características comuns, como a capacidade de contar histórias de forma aprofundada, documentar acontecimentos e a busca pela verdade.

Essa é a principal característica que aproxima o documentário da prática jornalística. As informações obtidas por meio do documentário ou da reportagem são tomadas como "lugar de revelação" e de acesso à verdade



sobre determinado fato, lugar ou pessoa. Diferentemente, portanto, do filme de ficção, no qual aceitamos o jogo de faz-de-conta proposto pelo diretor, não tendo, assim, cabimento discutir questões de legitimidade ou autenticidade; ao nos depararmos com um documentário ou matéria jornalística, esperamos encontrar as explicações lógicas para determinado acontecimento. (Melo, 2002, p. 28)

No documentário, o discurso da neutralidade e da imparcialidade se desfaz, sendo um gênero marcado pela subjetividade de quem produz, dando espaço para explorar narrativas com aprofundamento. Para Melo (2002, p. 29), “o documentarista não precisa camuflar a sua própria subjetividade ao narrar um fato. Ele pode opinar, tomar partido, se expor, deixando claro para o espectador qual o ponto de vista que defende”.

O formato de documentário (Nichols, 2005) permite esse imbricamento de vivências por meio das entrevistas e da escuta atenta e humanizada das histórias. A narrativa jornalística perpassa pela investigação das relações entre os diferentes gêneros que se colocam no documentário. Os documentários exploram parte ou toda uma realidade. Para Nichols (2010, p. 30), “os documentários mostram aspectos ou representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico”. Segundo o autor, o documentário não é somente uma reprodução da realidade, mas se constrói a partir de uma representação do mundo em que vivemos.

Quais vozes, identidades e narrativas são colocadas em evidência na sociedade e quais continuam nas margens e na inviabilidade? Segundo Moraes (2022), é necessário pensar sobre o mundo que o jornalismo nos apresenta e em que base esse mundo se sustenta. Esse lugar que o jornalismo ocupa é um lugar constituído, técnico e organizado que nos leva a acreditar que pessoas e lugares valem mais que outras. “Este jornalismo, que sempre se apresentou como acima das paixões, desinteressado e neutro, faz parte de um projeto bem realizado e articulado, responsável pela estigmatização de pessoas e grupos e, conseqüentemente, por seus apagamentos.” (Moraes, 2022, p. 21).

Moraes (2022) explica que o jornalismo de subjetividade nos convida a enxergar o outro de forma humanizada e plural, sendo necessário repensar os valores-notícia e os parâmetros elitistas e hegemônicos nos quais a produção jornalística se ancora.

O jornalismo de subjetividade se situa a partir dessa perspectiva interseccional e crítica a um modo de produção da notícia. Isso porque o jornalismo está não



só assentado em parâmetros deterministas, positivistas, heterossexistas (e acrescento cissexistas) já definidos por Medina, Veiga etc. Ele também repousa na prática das pessoas que o realizam e que são afetadas historicamente e socialmente pelos discursos hegemônicos que operam em determinados momentos, sendo eles interiorizados e naturalizados, e, por isso, mais difíceis de serem vistos como tais (Moraes, 2022. p. 104-105).

Assim, neste trabalho pretende-se mesclar o jornalismo e o cinema em um documentário. Propondo um jornalismo sensível e humano.

3. DESENVOLVIMENTO

O documentário jornalístico “Transbordou um rio do meu peito” se lança à materialidade jornalística de narrativas e informações sobre as vivências de 11 homens negros bissexuais. Por meio de relatos, abordamos o processo de autodescoberta, aceitação, experiências, afetos, desejos, preconceitos e sonhos. O jornalismo foi o fio condutor deste projeto. Nesta sessão, detalho as etapas de desenvolvimento e construção do documentário produto, descrevendo como ocorreu o planejamento, as entrevistas, a gravação o processo de edição e finalização, pontuo também as dificuldades encontradas ao longo do caminho, que foi dividido por três etapas: pré-produção, produção e pós-produção.

3.1 Pré-produção

O desejo de realizar um documentário jornalístico sobre bissexualidade surgiu na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, ministrado pelo Prof. Dr. Dinarte Varela, motivado pela escassez sobre o tema, em especial na Paraíba. Ao longo da disciplina, foi escolhido o tema e o objeto de estudo, decidimos, então, abordar a bissexualidade sob perspectiva interseccional, considerando as dimensões de raça e gênero, com foco em homens negros bissexuais. Em um encontro com o Prof. Dr. Marcelo Rodrigo, no mês de junho, conversamos sobre o desejo de produzir ele de imediato topou. A partir dessa decisão, foi necessário criar uma rede de contatos e buscar mais referências bibliográficas sobre o tema.

No entanto, colocava-se então um desafio: como encontrar homens negros bissexuais dispostos a falar abertamente sobre sua sexualidade? Neste momento, além de buscar contatos por meio de amigos e conhecidos, decidimos criar um formulário



virtual, através do Google Forms⁶, além de confeccionar cartazes convidando a participar da pesquisa as pessoas que se identificassem com esse perfil. Os cartazes traziam a mensagem: “Homens Negros Bissexuais Existem!” e foram afixados em diferentes lugares estratégicos dentro da UFPB, em grupos de WhatsApp e nas minhas redes sociais.

Após esse processo, foi desenvolvido a pauta geral, que serviu de norte para a condução de todas as entrevistas. O nome do produto, “Transbordou um rio do meu peito”, nasceu de um verso da canção “Carmesim”, do cantor e compositor brasileiro Silva, em parceria com Carminho e Gabriele Leite. A escolha não foi por acaso. Ao longo das gravações, os entrevistados reforçaram em seus relatos sobre a importância do amor e sobre como muitas vezes se sentiram privados desse sentimento que pulsava de maneira tão intensa dentro deles. Além disso, falavam sobre a sensação de navegar e fluir, de não ter um lugar fixo, mas fluido. Como se esse sentimento fosse como um rio que transborda, para além de si. Como um sentimento forte que não consegue ser contido no seu íntimo e transborda através do peito.

3.2 Produção:

Para realização das gravações, utilizamos as câmeras Sony ZVE-10 e Canon EDS 70D, celular, microfone de lapela sem fio, rings light, bastão de luz e tripé para gravar as entrevistas. Foram entrevistados 11 homens, sendo oito entrevista presencialmente e três de forma online, via plataforma Zoom. A seguir é possível observar um quadro com as informações dos entrevistados, nome, ocupação, e a data e local de cada gravação.

QUADRO 1: PESSOAS ENTREVISTADAS

Nome	Ocupação	Data	Horário	Local
Luiz Filho	Jornalista	26/06/2024	9h	UFPB
Eduardo Cazon	Escritor e Designer Gráfico	06/06/2024	14h	Zoom

⁶ Google Forms é um aplicativo de gerenciamento de pesquisas lançado pelo Google.



Wilfrend Nunes	Publicitário	10/07/2024	19h	UFPB
Will Guimarães	Professor	16/07/2024	19h	UFPB
Anderson Augusto	Fotógrafo	20/07/2024	9h	UFPB
Diogo Pinheiro	Estudante de Jornalismo	23/07/2024	17h	UFPB
David Daniel	Escritor e Designer Gráfico	23/07/2024	19h	UFPB
Oscar de Mendonça	Estudante de Jornalismo	30/07/2024	10h	UFPB
Weverson Bezerra	Antropólogo	02/08/2024	9h	UFPB
Pfeyffemberg Guimarães	Bibliotecário	07/08/2024	19h30	Zoom
Rafael Ferraz	Jornalista	14/08/2024	19h	Zoom

Fonte: Silva (2024)

Com as 11 entrevistas concluídas, foi preciso, então, gravar cenas que trouxessem um respiro ao vídeo e complementassem a narrativa pensada para o documentário. Registramos momentos do cotidiano, com gravações em casa, na rua, no ônibus, na faculdade e no laboratório de fotojornalismo. Para a captação de imagens de todo o documentário, contamos com a contribuição de Luiz Filho, um amigo, jornalista multiprofissional e premiado em projetos audiovisuais. Também tivemos a ajuda dos amigos André Firmino e Caio Bontempo.

3.3 Pós-produção

Diante de todo material coletado em som e imagens, com mais de sete horas de conteúdos gravados, passamos para o processo de decupagem. Em setembro de 2024, comecei a assistir a todas as entrevistas e organizá-las dentro do roteiro. Esse momento é crucial, pois envolve a transcrição do conteúdo, organização e a seleção de trechos que serão usados na montagem final.

Foi um grande desafio, as entrevistas ultrapassavam uma hora de duração e contavam histórias e vivências de 11 entrevistados. A seleção de falas, as imagens, o



cuidado em respeitar cada pessoa que colaborou com este trabalho, geraram um profundo senso de responsabilidade. Cada decisão tomada ao longo do processo carregou meu compromisso de valorizar as histórias e experiências compartilhadas, baseado no jornalismo ético e humanizador. Cada uma dessas vozes precisava ser ouvida diante da invisibilização da bissexualidade masculina negra. Histórias que, por muito tempo, o jornalismo tradicional considerou irrelevantes.

A partir desse processo, iniciamos a elaboração do roteiro e da linha narrativa do documentário. Decidimos, então, em dividi-lo em quatro atos. São eles:

QUADRO 2: PESSOAS ENTREVISTADAS

Atos	Nomes	Temas
Ato I	Horizontes de nós	Traz o conceito de bissexualidade através da perspectiva de cada entrevistado.
Ato II	Águas turbulentas	Aborda as experiências de violências biofóbicas e racistas.
Ato III	Nascentes	O olhar do adulto para a criança interior, um encontro entre o passado e o presente.
Ato IV	Afluentes	Sonhos e perspectivas para o futuro. É quando um rio menor deságua em um rio principal.

Fonte: Silva (2024)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do tema, do formato, da narrativa e das linguagens presentes neste projeto inicialmente partiram de um desejo pessoal, mas ao longo da produção percebemos que ele se tornou um desejo coletivo, compartilhado por todos que, de alguma forma, contribuíram. A partir de então, assumi o compromisso de contar essas histórias com sensibilidade, responsabilidade e amor.

Grato a cada um desses homens que acreditaram neste trabalho e me permitiram gravar, entrevistar e compartilhar suas experiências de vida, os desafios que enfrentam, seus sonhos, desejos, lutas e afeto. Este trabalho não seria possível sem eles. Durante a produção deste material, as experiências vividas com eles não conseguem ser totalmente descritas nas páginas deste relato. Foi um processo que nós fez revisitar diversos momentos da vida e, ao lado deles, choramos, sorrimos e nós abraçamos nas nossas vivências. Ao ver o produto final, é possível perceber toda a dedicação, esforço e tempo depositados aqui, meus e deles.



Este trabalho não é individual, é coletivo. Cada etapa que levou à criação do documentário passou por muitas mãos. Foi essa coletividade que me inspirou, motivou e impediu de desistir do processo. Com eles, conseguimos obter o melhor resultado possível. Cada etapa, desde a pré-produção, passando pela produção até a pós-produção, possibilitou o desenvolvimento e aprimoramento de diversas competências e habilidades necessárias para o jornalista nos dias de hoje. Ao longo desse percurso, diversas dificuldades surgiram. O tempo de dedicação foi reduzido, em razão da dupla jornada entre estudos e trabalhos. A dificuldade de conciliar minha agenda com a dos entrevistados. Tive que renunciar diversas vezes às idas para casa da minha família nos finais de semana.

Acreditamos que os objetivos principais deste trabalho foram alcançados. As vivências de 11 homens negros bissexuais atravessaram as lentes e telas e ouvidos por meio do jornalismo de subjetividade. Conseguimos abordar a bissexualidade vivida por esses homens e as violências provocadas pelo sistema heteronormativo branco, provando que o jornalismo precisa e deve se voltar para as novas vozes, identidades e lutas.

Espero que este trabalho provoque, toque, emocione e encante quem decidir conhecê-lo, e que novas produções surjam a partir dele. Desejo que ele contribua para ampliar as pesquisas e os debates sobre o tema. Este é um projeto pioneiro e inédito, pois até o momento não existe um documentário que aborde a bissexualidade do homem negro na UFPB. Além disso, desejo é que outros Ricardos tenham acesso a este material e que não se sintam invisíveis ou sem representatividade. Ser um homem negro e bissexual no Brasil não é fácil, mas é preciso estar atento e forte.

REFERÊNCIAS

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.



BEZERRA, Jorge Augusto Borges. **A vulnerabilidade do homo/bissexual masculino negro ao HIV/AIDS: um retrato da realidade brasileira.** Dissertação (Mestrado em Política Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Custódio, Túlio (2019), “Per-vertido homem negro: reflexões sobre masculinidades negras a partir de categorias de sujeição”, in Henrique Restier; Rolf Malungo de Souza (orgs.), **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades.** São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 131-164.

EISNER, Shiri. **Bi: notes for a bisexual revolution.** Berkeley: Seal Press, 2013.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade.** In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, n. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

HOOKS, Bell. **A gente é da hora: homens negros e masculinidade.** Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.

LEWIS, Elizabeth Sara. **“Não é uma fase”: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais.** 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. **O documentário como gênero audiovisual. Comunicação & Informação,** v. 5, n. 1/2, p. 25-40, 2002.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza.** Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

MONACO, Helena Motta. **“A gente existe!”: ativismo e narrativas bissexuais em um coletivo monodissidente.** 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Campinas, SP: Papirus, 2005.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença na masculinidade bissexual.** Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mím. 2003.

YOSHINO, Kenji. **The epistemic contract of bisexual erasure.** Stanford Law Review, v. 52, n. 2, p. 353-478, jul.-dez. 2000.